

# A DITADURA ROMANCEADA: UMA LEITURA DE *HUMANOS EXEMPLARES*, DE JULIANA LEITE

**Janaina Buchweitz e Silva\***

 <https://orcid.org/0000-0002-9911-2840>

**Como citar este artigo:** SILVA, J. B. e. A ditadura romanceada: uma leitura de *Humanos exemplares*, de Juliana Leite. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT16352>.

**Submissão:** 7 de agosto de 2023. **Aceite:** 25 de setembro de 2023.

**Resumo:** O presente artigo analisa o romance *Humanos exemplares* publicado por Juliana Leite em 2022, partindo da estrutura de pós-memória para observar a construção do período histórico da ditadura militar brasileira no tempo presente por meio da problematização dos legados e das heranças que são transmitidos entre as diferentes gerações, tanto no plano individual quanto nos planos histórico e social. Observa-se que o texto literário em questão proporciona o compartilhamento de histórias e memórias da ditadura militar brasileira entre as gerações, mantendo assim a herança recebida viva e eternizada por meio do gesto de resistência que é o ato da escrita.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira contemporânea. Ditadura militar. Pós-memória. Geração descendente. Resistência.

## INTRODUÇÃO

**A**utora de *Humanos exemplares*, Juliana Leite nasceu na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1983. Mudou-se para a capital do estado, onde cursou Comunicação Social na Universidade do Estado

\* Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil. E-mail: [janaesilva@yahoo.com.br](mailto:janaesilva@yahoo.com.br)



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional

do Rio de Janeiro (Uerj), instituição pela qual também possui o curso de mestrado em Literatura Comparada, tendo pesquisado as interfaces entre a leitura e as tecnologias digitais. É pós-graduada (*lato sensu*) em Gestão Cultural e em Produção Editorial. Seu romance de estreia, *Entre as mãos* (2018, Editora Record), recebeu os prêmios Sesc e APCA, foi finalista do Prêmio Jabuti, do Prêmio São Paulo de Literatura, Rio de Literatura e semifinalista do Prêmio Oceanos. Foi publicado na França e teve os direitos vendidos para o cinema. A autora teve contos incluídos em antologias como *Vivo muito vivo* (2022, Editora Record), em comemoração aos 80 anos de Caetano Veloso, assim como textos publicados na revista *Época*, no jornal francês *Libération*, entre outros. Foi selecionada para residência artística na revista de arte contemporânea *Triple Canopy*, de Nova York, reunindo-se a 12 artistas de todo o mundo para investigação e interlocução de linguagens. *Humanos exemplares*, seu segundo romance, foi publicado em 2022 pela Companhia das Letras. Aborda a velhice, a brevidade da vida, os limites e a perenidade do corpo humano, além de outros temas, com especial ênfase no regime ditatorial brasileiro. Diversos pesquisadores e críticos que pesquisam as produções literárias que tematizam a ditadura militar brasileira argumentam que o referido período histórico permanece na contemporaneidade como forma de denúncia e de combate ao apagamento das experiências vividas. Para além disso, autoras e autores da geração descendente, que não conviveram com a atrocidade dos anos de chumbo, também escrevem sobre o período, assim demonstrando a herança deixada pela geração que os ascendeu. É o caso de *Humanos exemplares*, romance escrito por uma autora da geração descendente daquela que viveu o regime ditatorial no Brasil, e que também aborda o tema da memória herdada sobre o período por meio da relação entre mãe e filha, ambas as protagonistas da história. Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar a herança do regime ditatorial brasileiro no texto literário produzido no tempo presente, partindo de uma ideia particular de memória defendida por Marianne Hirsch (2021a), que argumenta que a *geração posterior* possui uma relação de pós-memória com os traumas vividos pela geração que a antecedeu. Assim, a hipótese de pesquisa busca investigar a versão romanceada da ditadura presente em *Humanos exemplares* partindo da estrutura de pós-memória, uma vez que a autora Juliana Leite aborda a recordação traumática sobre o regime ditatorial brasileiro a partir da distância geracional, produzindo dessa forma um texto literário em que os acontecimentos do tempo passado ocasionam reflexos no tempo presente de maneira particularmente mediada.

## **METÁFORAS DO DESAPARECIMENTO: AUSÊNCIA DO CORPO, AUSÊNCIA DE MEMÓRIA E DITADURA MILITAR**

*Humanos exemplares* é narrado majoritariamente em terceira pessoa e conta a história de uma mulher idosa e solitária, que se corresponde com a única filha por chamadas telefônicas desde que esta decidiu ir viver no exterior. A rotina da idosa é descrita e consiste basicamente em passar o dia sozinha em seu apartamento:

*É na mesa da cozinha, no jornal que ainda não foi aberto, que novas pessoas se apagam nas notícias. Todos os dias os apagamentos se acumulam e se empilham por toda parte formando um número impossível. Só de olhar para a lista*

*de apagados uma velha de apartamento pode imaginar que a sorte morreu, que os vivos talvez sejam fruto do acaso e que, mesmo que ainda respirem, bem, eles também desaparecem pouco a pouco, de todo jeito, e em algum momento acabam se unindo aos demais* (Leite, 2022, p. 10).

Na trama, a velha centenária é viúva de Vicente e se chama Natália. O casal teve uma única filha, Camila, que ainda jovem foi morar no exterior. A autora, além de se utilizar do recurso de alternar a narrativa entre a terceira e a primeira pessoa (quando quem narra é a idosa), opta por não nomear as principais personagens da trama, que são tratadas praticamente ao longo de todo o romance como *a velha* e *a filha*: “Faz tempo que eles não fazem mais companhia à velha, mas não é por mal. Em algum momento a filha se tornou uma filha que mora longe e Vicente desapareceu porque, bem, ele morreu e por isso ficou ocupado com outras coisas” (Leite, 2022, p. 14). A *velha* possui contato praticamente somente com *a filha*, posto que todas as pessoas que ela conhecia já morreram. O mote da velhice e da finitude da vida é retratado também por meio da figura do marido da protagonista, Vicente, que morreu já bastante idoso: “Esse marido ficou bastante curvado nos seus últimos dias, sentado em uma cadeira, tão curvado que quem o observasse pela janela veria apenas o topo de sua corcunda acima do parapeito” (Leite, 2022, p. 16). O tempo presente da narrativa corresponde à época da pandemia de Covid-19, que não é nomeada no decorrer do texto, mas é mencionada em algumas passagens:

*Por coincidência, nos últimos meses filha e mãe estão ocupadas com a mesma atividade, esconder-se de algo que existe do lado de fora. A filha faz isso em seu oceano superior, lá onde mora, enquanto a mãe faz aqui mesmo, na casa em que a filha nasceu. Ambas se escondem pelo mesmo motivo, uma nova ameaça exterior que ronda as cidades e faz muitos humanos como elas só pensarem nisso, em como se esconder, mesmo quando precisam sair dos esconderijos por algum motivo.*

*É a primeira vez que uma ameaça diz respeito à mãe e à filha ao mesmo tempo. Elas se sentem mais próximas uma da outra graças a isso, afinal sentem o mesmo tipo de medo, ainda que vivam em oceanos e latitudes diferentes. Tanto a mãe quanto a filha podem dizer que já viveram alguns perigos antes, quer dizer, é claro que elas conheciam outras ameaças, mas de algum modo eram ameaças mais individuais e visíveis. Dessa vez os humanos correm o mesmo perigo juntos e quanto a isso eles ainda estão se acostumando, quer dizer, com o fato de, no fim das contas, serem tão semelhantes em qualquer parte do planeta* (Leite, 2022, p. 16-17).

No decorrer do romance, a autora se utiliza com regularidade do recurso de não nomear pessoas e situações. Quando se refere à namorada da filha, que denomina *menina*, a narradora menciona que nomear é uma forma de expor e desproteger algo importante. Ao longo do livro, são relatadas diversas passagens em que os humanos se escondem com a intenção de se proteger, eles *desaparecem*. Não nomear seria uma outra forma de fazer desaparecer e, consequentemente, de proteger.

Conforme registrado, há o predomínio da narrativa em terceira pessoa, que é interrompida quando a idosa insurge e passa a narrar a própria vida. A seguir, o primeiro momento em que a narrativa alterna entre a terceira e a primeira pessoa:

*Se tivesse qualquer escolha a velha preferiria não estar entre os humanos que ficam por último, entre os que ficam para trás na grande espera pelo desaparecimento. Não é sempre que ela manifesta vontades ou preferências dessa maneira tão direta e desejosa, mas quando o assunto é importante ela age como uma velha diferente do esperado, rebelde e insurgente, que diz em voz alta o que pensa antes que a filha, ou pior, um médico faça isso em seu lugar. É por isso que, em relação ao desaparecimento, vejamos, eu preferiria desaparecer assim que possível, amanhã, quem sabe, se fizesse um belo dia de sol. Dormiria viva e acordaria apagada de bom grado, indo na frente para que outros tivessem mais tempo de preparar suas coisas, fazer as últimas dívidas, reler os bilhetes de amor. A essa altura de uma vida digo que existir para sempre ou por tempo demais é uma decisão ruim, muito ruim; bom mesmo é existir e então deixar de existir, existir por um tempo e depois poder mudar de assunto. Se for preciso sumir de uma hora para outra, bem, por mim não há problema, vamos em frente, embora fosse agradável ter tempo de passar um pouco de perfume logo antes, caso isso não atrasasse ninguém. Imagine poder chegar no além perfumada e fresca, imagine só* (Leite, 2022, p. 20-21).

O assunto da ditadura será atrelado aos temas da velhice e da morte por meio da ideia de desaparecimento. Da mesma forma que, com o avançar da idade e a chegada da velhice, alguns hábitos e funções vitais vão ficando comprometidos e aos poucos vão se perdendo, e aqueles que morrem desaparecem para aqueles que ficam, a repressão do período da ditadura militar brasileira (que não é nomeada nenhuma vez ao longo de todo o romance) é metaforizada partindo do desaparecimento:

*Aquela altura desaparecer não era uma ideia nova para Vicente e tampouco para a velha. Os dois já pensavam nisso fazia muitos, muitos anos. Talvez eles tenham sido um casal do tipo que precisou desaparecer desde cedo, que precisou saber como sumir bem sumido de uma hora para outra, às pressas e sem deixar rastros. Sabiam que havia muitas maneiras de alguém como eles se esconder, de não ser encontrado, e chegaram a ensaiar juntos algumas vezes na juventude, experimentando o que carregar na mochila e qual calçado usar, o que rasgar ou destruir por segurança antes da partida para evitar que fossem encontrados* (Leite, 2022, p. 22-23).

Temáticas como desaparecimento e fuga unem diferentes momentos da narrativa, e a relação dos humanos com seus ascendentes e descendentes é frequentemente mencionada, reforçando a questão do legado que é passado de uma geração para a outra:

*A verdade é que a velha viveu tão perto de pessoas que souberam como fugir, mas tão perto, que acabou se tornando ela mesma das que sabem se esconder e sumir quando necessário. Ela diz para a filha que mora longe, que a humanidade, a mesma à qual ela pertence, já visitou a fuga para dentro do próprio organismo em mais de um momento da história, muito mais, e por isso a filha deveria apenas descobrir como se entregar novamente a esse esconderijo fiel, assim como fizeram os seus antepassados. Os humanos podem até se esquecer disso vez ou outra, afinal os problemas de memória são tão comuns, mas por fim eles conseguem arregalar os olhos e reconhecer a caverna de sempre, lá está ela, o corpo* (Leite, 2022, p. 18).

Ettore Finazzi-Agrò (2014) tece algumas considerações sobre a literatura brasileira pós-golpe de 1964 partindo de uma comparação entre a literatura e a historiografia. Para o pesquisador, o discurso historiográfico, apesar de merito- so, não alcança a dimensão das atrocidades vividas durante o período da ditadura militar brasileira:

[...] apesar da sua fidelidade aos acontecimentos, apesar do seu encípulo documentário, essas obras não conseguem, a meu ver, mostrar de modo completo não aquilo que realmente aconteceu, mas a dor e o sangue, as lágrimas e as feridas que se abriram no corpo da Nação e na lembrança traumática dos sobreviventes (Finazzi-Agrò, 2014, p. 181).

Assim, o pesquisador vê no discurso literário aquilo que falta no discurso historiográfico, a comoção e a compaixão que a literatura consegue alcançar, apresentando dessa forma um papel de suplência com relação ao discurso historiográfico e conseguindo entregar uma verdade nefanda e interdita que o relato ou a crônica dos acontecimentos não podem ou não querem dizer:

*Mais uma vez, o valor estético das obras produzidas no e sobre o período da ditadura militar não depende tanto do grau de fiabilidade delas quanto da capacidade do autor de fazer passar, através da sua escrita e das imagens por ele produzidas, uma verdade material – ‘física’, eu diria – da qual nenhuma História poderia dar conta senão traindo ao seu estatuto epistemológico* (Finazzi-Agrò, 2014, p. 188).

No romance de Leite (2022, p. 46-47), a ambientação do período da ditadura se dá a partir da rememoração da narradora, que descreve a participação dela, do esposo e de muitos outros companheiros militantes que, durante a juventude, lutaram bravamente no combate à repressão imposta pelo regime:

*A velha acha que tudo começou em uma quinta-feira, acha isso porque às quintas a filha tinha natação e nesses dias era possível ver a menina de touca e maiô sentada bem ao lado da panela, no banco de trás. O Chevette precisou frear bruscamente para não atropelar um homem inesperado que estava de pé no meio da rua, logo depois de uma curva. Foi tudo muito rápido e bruto e então um pouco de molho de tomate acabou entornado nas pernas da filha.*

*O homem inesperado no meio da rua era um guarda, quer dizer, talvez fosse um policial ou algo assim. Ficou nervoso ao ver o casal claramente alarmado dentro do carro, as pernas da menina vermelhas e molhadas, e só depois ele sentiu o cheiro de alho. Mandou a pequena família descer do carro, despejou a panela inteira no chão para ter certeza de que aquilo era mesmo comida como os professores afirmavam, só comida e não algo mais explícito disfarçado de espaguete.*

*A filha de maiô e touca, de pé na calçada, não sabia o que aquilo significava, uma cena tão repentina e salgada, o pai e a mãe com as mãos sobre o capô do Chevette, as pernas afastadas com violência por um guarda que, de coturno, pisoteava o macarrão em busca de um metal, uma arma, quem sabe, algo perigoso e finalmente revelado.*

Vicente era professor de geografia, e Natália professora de redação, e por meio de suas profissões a narradora problematiza como se deu o regime ditatorial brasileiro no ambiente educacional, enfatizando dessa forma a forte atuação

que as instituições educacionais, acompanhadas do movimento estudantil, tiveram no combate à repressão:

*Era difícil ligar os pontos e compreender tudo de início, uma velha ainda se recorda muito bem, porque episódios como aqueles, de aulas vigiadas, aconteciam havia um tempo aqui e ali nas escolas e também nas universidades, nos institutos, e geravam sim uma tremenda revolta, discussões e acusações, mas logo depois os revoltados saíam para almoçar, eles sentiam fome e iam comer como se a loucura pertencesse apenas aos outros, aos secretários e aos camburões, e tendesse a se dissipar em breve, constrangida pelo próprio absurdo. A vida comum seguia um bocado alheia ao que já estava nascendo por trás de tudo, um controle explícito e apertado de todas as pontas. Havia o desejo pelo controle das palavras e das ideias, mas também das aparências, das conversas, das horas úteis e também das vagas, o controle dos significados, da ironia, da fé, dos sentimentos, dos cortes de cabelo, da beleza, e tudo isso soava tão despropositado e impossível que por fim foi mesmo custoso admitir que o despropósito já estava ali, vigente e instalado, erguido em barricadas por toda parte (Leite, 2022, p. 50-51).*

Assim, *Humanos exemplares* tematiza o dia a dia de repressão imposta durante a ditadura brasileira abordando os pormenores do cotidiano: o que podia e não podia se fazer dentro de uma escola, o tipo de aparência física que mais chamava a atenção da repressão, os horários em que se podia sair na rua. São detalhes que enriquecem a construção imaginária do leitor, principalmente daquele que não vivenciou o período, e que pela literatura desenvolvida por Leite consegue uma maior aproximação à forma como se deram os fatos. Na narrativa, os companheiros de militância são denominados *os queridos*:

*Entre os queridos era seguro dizer tudo, conversar sobre qualquer assunto, inclusive levantar o nome de alguns colegas com os quais seria preciso tomar certo cuidado na escola. Ali entre as favas era um bom lugar para falar deles. Tinham certeza sobre alguns desses nomes, mas se negavam a acreditar que outros pudesse pertencer a esse grupo, como o Marcos, justo o Marcos, que tocava tão bem violão. Ficavam esgotados com essas previsões, traições, discordâncias, e só quando cochilavam conseguiam desapertar um pouco os dentes (Leite, 2022, p. 52).*

É desenvolvido também o preconceito que parte da sociedade foi desenvolvendo pelos militantes que foram se colocando contrários ao governo:

*Os vizinhos olhavam nos olhos daquela gente escolar antes inofensiva e até útil para o jogo do bicho sem entender como aquilo que a rádio expurgava, a tal resistência, poderia afinal poupar em corpos tão conhecidos e às vezes até um pouco estimados (Leite, 2022, p. 69, grifo da autora).*

O ambiente de insegurança que vigorou no país durante a época da repressão é invocado em diferentes passagens da obra:

*Mas, conforme os dias passavam, estranhamente nada explodia e isso sim era raro, era difícil compreender por completo aquele ambiente sem uma explosão ou um estrondo violento. Nada ia pelos ares, nada ruía ou assustava dignamente, e por isso as pessoas permaneciam ali, desbaratadas, engatinhando em um teste de resistência.*

*Os professores ainda não sabiam muito bem o que fazer, como reagir, mas intuíam que era preciso se unir aos alunos, mais do que nunca, em um vínculo que pudesse ultrapassar a ideia de escola, a ideia de sala de aula, porque ainda que a sala ruísse embaixo das toneladas, e ainda que tudo virasse areia, eles estariam prontos para seguir adiante, para se encontrar no quartinho dos fundos de uma casa erma e segura, embaixo de um poste apagado ou quem sabe em um porão sem janelas, qualquer lugar onde não fosse ilegal tirar das bolsas cadernos e livros, tocos de vela e ideias sobre o futuro e a liberdade (Leite, 2022, p. 60).*

Outra questão muito relevante em *Humanos exemplares* é a temática do patriotismo, tipificada na solidariedade que os companheiros de movimento possuíam entre si, como se o amor ao outro fosse também um amor pela humanidade, pela liberdade e pelo país:

*Ainda hoje, se a velha fecha os olhos, vê que uma hora os queridos estavam correndo todos juntos sobre os paralelepípedos e sabiam mais ou menos para qual lado estava o norte, eles conheciam o destino, a curva para a esquerda. O espírito deles tinha a mesma matéria, a princípio, eram espíritos irmãos, a princípio, talvez fossem o mesmo espírito. Conheciam aquela cidade, conheciam as ruas e achavam que, ora, elas não os trairiam, afinal a quem pertenceriam as ruas da cidade senão a eles, gente comum? Corriam todos muito rápido para logo perceberem que estavam ficando pelo caminho, de algum modo, um a um, talvez capturados, talvez escondidos em um beco, talvez camuflados em outro grupo ou apenas cansados demais. Era difícil correr sempre à mesma velocidade sem tropeçar em algo, era muito difícil correr e saltar e tomar decisões sem beber um pouco de água.*

*Para Vicente e os companheiros era preciso fugir imediatamente, suspendendo a corrida com atrevimento o bastante para se perguntar, afinal, como alguém como eles poderia se esconder do Brasil, e mais do que isso, como poderia voltar para ele, para o mesmo país, ao fim de tudo (Leite, 2022, p. 70-71).*

A pesquisadora Tânia Pellegrini (2014), ao refletir sobre as produções literárias que versam sobre o período da ditadura, defende que o tema atua como um parâmetro inescapável e sempre revisitado, o que ela denomina uma casa velha a que sempre se volta em busca de novos vestígios. No entendimento da autora, a prosa brasileira pós-ditadura continua em trânsito, já que retoma matrizes que a acompanham desde a sua formação, de maneira a incorporar alterações e efeitos conjunturais, propiciando assim pluralização e multiplicidade. No entanto, argumenta que, após o término do regime militar, a ficção brasileira abandonou relativamente a disposição de resistência anteriormente desenvolvida, passando a atuar partindo de micropolíticas individuais, muito distantes da utopia coletiva que se apresentava anteriormente: “não se trata mais de resistir à ditadura militar, mas a uma hierarquia ancestral em que predomina o discurso branco, masculino e cristão” (Pellegrini, 2014, p. 172). A autora ressalta a centralidade da dimensão subjetiva, um sintoma da época que passa a acompanhar as narrativas que tematizam a ditadura a partir dos anos 1990:

*Assumida como centro do mundo, a subjetividade, como princípio estruturante, manifesta-se em uma espécie de esgarçamento da realidade circundante, desde que o foco de interesse passa a ser o próprio eu e aquilo que nele se reflete, pois é a medida de todas as coisas; surgem e se afirmam como padrão*

*personagens sintonizadas com transformações nos conceitos e escalas de valor; na verdade, são revivescências das antigas matrizes introspectivas formalizadas no Modernismo, que se consolidaram sobretudo com Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector – não por acaso mulheres –, que agora se reconstroem em desencanto e niilismo, com sensível atenuação do sentido crítico de antes (Pellegrini, 2014, p. 173).*

A subjetividade do relato mencionada por Pellegrini é evidenciada na narrativa apresentada em *Humanos exemplares*, e a opção narrativa escolhida pela autora em alguns momentos remete ao fluxo de consciência desenvolvido por Clarice Lispector. A seguir, uma passagem em que a narradora reflete sobre a condição daqueles que sobreviveram ao regime:

*Aqueles humanos tinham sobrevivido aos esconderijos, mas nada disso se parecia com um triunfo, e sim com uma sobrevivência do tipo quebradiça, estreita, arenosa. Olhavam uns para os outros constatando que haviam envelhecido, céus, como haviam envelhecido de uma hora para outra. Descobriram que afinal não era apenas a passagem dos anos que envelhecia as pessoas, não, as dores envelheciam muito mais (Leite, 2022, p. 91-92).*

Para além da constante sensação de insegurança que era vivenciada cotidianamente na época do regime militar, a sensação vivida após o término da ditadura também é retratada, demonstrando as sequelas deixadas pelo período, mesmo após o seu término:

*Podiam descansar, se quisessem, e tomar sol, se quisessem, abrir os olhos e esticar as pernas e os braços, podiam até mesmo andar na rua sem olhar para trás a cada metro. Mas acordavam sob um teto seguro e percebiam que a natureza daquele descanso era apenas formal, algo executado pelo corpo à revelia da mente. Não supunham como aquilo os faria mudar para sempre, aquilo, o descanso. Não a fuga em si, e apenas ela, mas o descanso após a fuga. Como fazer para descansar depois de quase desaparecer?, de ver desaparecer tantos dos mais queridos? Havia perdido um pouco o traquejo, se sentiam como a parte do grupo que não sucumbira à gripe, que resistira ao vírus até que um antídoto fosse criado para salvar a humanidade, mas tendo visto parte dessa humanidade sumir pelo caminho (Leite, 2022, p. 92).*

Também o sentimento de amor pelo país é fortemente trabalhado na narrativa de Juliana Leite. O amor pelo próximo, pela história, pela pátria, pela humanidade, pela natureza, inclusive o amor por si próprio:

*Faltava recuperar o amor pelo homem que atravessava a rua com uma pedra no bolso, o amor por ele e pela pedra que ia primeiro guardada no bolso, escondida, e logo era lançada com toda ânsia contra uma fachada, uma vitrine; faltava o amor pela humanidade da vitrine estilhaçada, amor pelo homem feroz, pela trajetória da pedra e também pela pedra por fim caída no chão. Uma pedra quebrando um vidro e uma pedra caída no chão, elas eram o tempo todo a mesma pedra? Faltava esse amor mineral pelo vidro partido, e também pelo asfalto, pela sirene chegando, pelo homem por fim algemado, pelo ruído dos coturnos mascando os estilhaços, amor pela pedra livre e pelo homem preso, pelos estilhaços, pelos coturnos, pela trajetória e pela queda da pedra, pela pedra, amor pela intimidade e pela dependência entre todas essas partes.*

Vicente, a mulher, os queridos, eles se perguntavam quais seriam seus continentes diretos de amor, suas pedras de bolso, onde estariam esses artefatos e como se podia, afinal, encher as mãos com eles.

É claro que aqueles eram queridos que se amavam e nem precisavam dizer isso, e amavam o país também, mas este ainda com aflição. O amor pelo país costumava ser um sentimento que não se perdoava quando ausente, eles achavam assim a princípio, era um amor que crescia matematicamente quando vivido junto com os amigos. Como foi bom amar o país junto com os amigos, amar o mesmo país junto com os mesmos amigos por tantas décadas – é o que uma velha ainda pode dizer (Leite, 2022, p. 95-96).

A narradora onisciente, que muitas vezes se coloca de fora a observar com maestria os detalhes e a intensidade do vivido, proporciona o vislumbre da coletividade, da irmandade e da solidariedade que para muitos leitores pode ter ficado escondida e obscurecida pela preponderância da violência da repressão que vigorou durante o período. Para a pesquisadora Beatriz Sarlo (2007, p. 117-119, grifos da autora), é pela via literária que encontramos eficácia para a abordagem de tudo aquilo que não foi dito:

*Se tivesse de falar por mim, diria que encontrei na literatura (tão hostil a que se estabeleçam sobre ela limites de verdade) as imagens mais exatas do horror do passado recente e de sua textura de ideias e experiências. [...]*

*Congelada e ao mesmo tempo conservada pela narrativa ‘artisticamente controlada’, a ficção pode representar aquilo sobre o que não existe nenhum testemunho em primeira pessoa: o militar que se apropria de crianças, mergulhado no que Arendt chamou de banalidade do mal; e o soldado que o assiste com disciplina, totalmente imune à emoção, esse sujeito de quem tampouco há vestígio testemunhal: aquele que soube o que acontecia nos cativeiros clandestinos e considerou aquilo uma normalidade não submetida a exame (o ponto extremo dos que pensaram que era melhor não se meter). Aquilo que não foi dito.*

[...]

*A literatura, é claro, não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa de fora da experiência, como se os humanos pudessesem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofê-lo.*

Em diversas passagens da narrativa, é evidenciada a preocupação que a *velha* possui em não deixar o vivido cair no esquecimento. Quando era mais jovem, juntamente com Vicente, já se ocupava em contar histórias para a *filha* e a *menina*, com o intuito de registrar o vivido, e também objetivando evitar que a geração descendente dela repetisse os erros do passado:

*Desde quando essas duas ainda eram novas, elas saíam da escola juntas e vinham direto para o apartamento para comerem meu macarrão no almoço. Elas escutavam com toda atenção as histórias que Vicente e eu contávamos, entre uma garfada e outra de espaguete. Contávamos detalhes para que elas soubessem exatamente em que país viviam, do que ele já tinha sido capaz de fazer a seus habitantes. Era estranho para elas que aquele país cheio de dias de sol e de pessoas alegres e com muitas frutas fosse o mesmo do qual estávamos falando, era estranho que o mesmo país pudesse se contradizer tanto. Falávamos sobre o que tínhamos vivido, nós e os companheiros queridos, sobre os perigos, aquilo que sempre pode se repetir e voltar a acontecer quando não*

*estamos atentos ou quando achamos que tudo está garantido. Alertávamos às duas para que não cometesssem o erro de achar que resistir era uma tarefa esporádica, ou algo do passado. Dizíamos tudo isso antes que a comida acabasse, com um pouco de pressa, como se alguém fosse entrar pela porta a qualquer instante para impedir a clareza do assunto* (Leite, 2022, p. 159-160).

Refletindo sobre a finitude da vida, a narradora menciona a autoridade que o sujeito adquire para testemunhar sobre o vivido. Ao fim de uma longa jornada, são inúmeras as situações a se rememorar, e cabe somente àquele que recorda a valorização de seu tempo passado: o que vale a pena recordar, o que é preferível esquecer. Também propõe a reflexão sobre o inicio e o fim das histórias, incluindo assim a linha cronológica da própria vida, que, assim como teve um começo, terá também o seu final:

*É curioso ter idade bastante para falar sobre todas as coisas retrospectivamente, uma velha pensa. Ao fim da linha da vida, de repente alguém recebe o direito de subir em uma cadeira e ficar cinquenta centímetros mais no alto para transmitir aos demais humanos as notícias que vêm do passado. Com esse horizonte de ontens à disposição, o alguém trepado na cadeira já pode dar a cada um dos acontecimentos de uma vida um lugar específico no tempo, usando binóculos e apontando o dedo: Foi mais ou menos aqui que tudo começou, e foi aqui, nesse ponto, que chegou ao fim.*

*Os humanos como essa velha, eles se esforçam em identificar o começo e o fim das histórias porque afinal é assim que se pode contá-las, puxando pelas extremidades. Você puxa o fio por uma das pontas e, ainda que tenha se esquecido de um bocado de coisas no caminho, percebe que um fio nunca anda só, ele é generoso e traz consigo as próprias lembranças, os adornos, os guizos dos acontecimentos. Você ouve os guizos e já se sente um pouco mais amigado do destino, cúmplice e menos sozinho porque, veja só, ali estão os seus antepassados dentro das memórias, você olha para eles bem no instante em que eles decidem olhar de volta. Não só eles estão ali, como de bom grado te dizem, Deixe-nos te contar uma história, anunciando por dentro disso, com a amizade do tempo, Deixe-nos te mostrar a origem* (Leite, 2022, p. 241-242, grifos da autora).

Dessa forma, percebe-se em *Humanos exemplares* a relevância da memória, da história, e de como esse conjunto de histórias e memórias é transmitido ao longo das gerações. Com o olhar abrangente, voltado para a coletividade e para a humanidade, Juliana Leite problematiza os legados e as heranças que recebemos, como sociedade, de todos os nossos antepassados. São memórias e histórias herdadas de todas as gerações que nos antecederam e que nos tornam cúmplices do que foi vivido pelo outro, pelo diferente, mas que também nos tocam, nos modificam e nos inserem na infinita linha da história.

## A MEMÓRIA HERDADA SOBRE A DITADURA

A autora Juliana Leite nasceu nos anos 1980, década em que a ditadura militar brasileira, iniciada no ano de 1964, se encerrou. Assim como considerável parte de outras autoras e autores que optaram por abordar a ditadura em seus textos literários, pertence à geração descendente daquela que efetivamente

vivenciou os fatos ocorridos durante o regime de exceção. No entanto, herdou as histórias e memórias daquele período que, conforme já mencionado, insiste em assombrar a sociedade brasileira ainda no tempo presente, permanecendo em diferentes práticas e principalmente por meio das cicatrizes que nos legou. dessa forma, a autora constrói seu objeto literário abarcando um período recente da história do Brasil, mas que ela não viveu. Nas palavras da pesquisadora Bernardo (2002), que parte de conceitos propostos por Derrida, a herança é algo que nos é legado – citando como exemplos a família, o nome próprio e a língua materna –, sem que tenhamos a opção de poder escolher. No entanto, cabe ao sujeito e à sociedade como um todo a decisão em manter os legados recebidos vivos ou destiná-los ao esquecimento:

*Por outro lado, reafirmar o legado é, não apenas aceitá-lo, aceitá-lo através de uma singular passividade, a qual traça os confins de uma finitude reassumida, mas também relançá-lo diferentemente, assim o mantendo vivo. Na verdade, se é certo que não se escolhe o legado, se é antes este que nos escolhe numa cena que em nada difere de uma eleição, é no entanto possível escolher mantê-lo vivo, isto é, fazê-lo sobreviver: uma escolha que, a par da passividade, diz também a obrigação própria de um vivente finito – a obrigação de um certo ‘sim’. Uma obrigação não isenta de actividade. Porque herdar é também re-afirmar, ou seja, é também alongar o legado, alterando-o, desafectando-o e afectando-o, inscrevendo-se (pela resposta) idiomática ou singularmente nele. Datando-o. Herdar é assim também acabar por eleger quem nos elege através de uma singular repetição que não se distingue de uma re-affirmação selectiva que, ao mesmo tempo e paradoxalmente, continua e interrompe e alonga o legado (Bernardo, 2002, p. 428, grifos do autor).*

Em *Humanos exemplares*, são recorrentes as reflexões sobre a memória e os legados que uma geração deixa para a outra, posto que os diferentes enredos desenvolvidos ao longo da narrativa se entrecruzam com a finalidade de demonstrar a continuidade da humanidade, mas sempre propondo considerações sobre a finitude individual de cada ser. Ao tematizar um relevante período histórico que a autora não viveu, mas que lhe foi legado, e ao priorizar a preocupação com a preservação da memória a partir de seus personagens, a obra *Humanos exemplares* contribui para a manutenção da memória sobre a ditadura, mantendo-a viva no tempo presente. Conforme argumenta Gagnebin (2014, p. 30), escrevemos com o intuito de nos “inscrever na linha de uma transmissão intergeracional”, ou seja, escrevemos para deixar algo durável, um rastro ou marca que seja conservado para a posteridade, que passe de geração para geração.

Na trama, a personagem da *filha* acompanhou a militância dos pais ao longo de sua infância, e em algumas passagens é insinuado que o regime ditatorial pode ter influído na sua decisão de ir viver em outro país. A *filha* passou parte da vida morando somente com a mãe e distante do pai, que se tornou um refugiado e passou a viver escondido (desapareceu), juntamente com outros companheiros da militância: “A filha foi operada assim que Vicente partiu, conforme previsto e planejado, usando os dias de hospital e de internação para despistar a própria menina sobre os motivos da ausência de certo pai” (Leite, 2022, p. 83-84). Assim, diferentes fatos vivenciados pela *filha* ainda na infância a acompanharam por toda sua vida – o legado das escolhas feitas pelos pais sempre permaneceu com ela:

*A filha de Vicente e da professora crescia para se tornar ela mesma uma das alunas observadas, espiadas a cada passo, uma criança um pouco distraída e tremendamente vesga, já contendo em si a semente de uma filha que moraria longe assim que pudesse. Se perguntassem à pequena filha se ela queria morar longe talvez ela dissesse que não, naquele momento não, mas apenas porque ainda não havia decidido sobre aquilo em que concordava ou discordava dos pais, ainda desconhecia que filhos pudessem existir sozinhos, em ambientes só seus, se quisessem, com outras ideias e prioridades individuais. Ela ainda custaria um pouco a se tornar uma filha magoada com pais que escolheram o país em vez dela, pais que deveriam ter jogado o Brasil para o alto para se dedicar somente à proteção de uma menina, ainda que isso custasse a perda da liberdade – é o que a menina morando longe viria a considerar depois, pensando as memórias (Leite, 2022, p. 51).*

Em diferentes passagens, é evidenciada a preocupação que a *velha* possui com a manutenção da memória do que ela viveu, juntamente com Vicente e os queridos. Uma das formas que a *velha* encontra para manter viva suas histórias e memórias se dá pela via da narração, posto que está sempre a rememorar as histórias que contava para a *filha*, que tinham o intuito de também prestar-lhe algum tipo de ensinamento:

*Para uma criança, a casa não era um esconderijo, a casa era a casa, um bom lugar para alguém ficar quando precisasse proteger os olhos. A mãe aproveitava para dizer à filha algumas coisas sobre os humanos, sobre a necessidade que eles têm de sumir para sobreviver, em alguns casos. A filha estaria muito bem no futuro se compreendesse isso, que muitas vezes vive mais quem se esconde melhor. A mãe garantia para a menina que os esconderijos podem mesmo ser lugares eficientes, muito eficientes quando bem planejados, e elas duas estavam ali como provas vivas disso. No fundo de seu abdômen a filha deveria providenciar uma pequena bolsa onde guardar esses conhecimentos sobre fugas e sobrevivência, tudo cortado em pedaços pequenos para não pesar demais. Essa seria sua herança, desde já, como se ela mesma tivesse vencido as ameaças do passado junto com seus antecessores e agora pudesse usar parte dessa memória para enfrentar o olho desobediente (Leite, 2022, p. 88).*

Marianne Hirsch (2021b) se preocupa com a manutenção da memória partindo da constatação de que, conforme a geração de sobreviventes vai deixando de estar entre nós, faz-se necessário que aqueles que permanecem possam manter e perpetuar o sentido de conexão vivo. Assim, a autora reflete sobre o funcionamento do trauma, da memória e dos atos de transferência intergeracional. Desse forma, defende que a *segunda geração*, ou a *geração de depois*, ou a *geração posterior*, teria uma relação de pós-memória com os traumas vividos pela geração que a antecedeu:

*O termo ‘pós-memória’ descreve a relação da ‘geração posterior’ com os traumas pessoais, coletivos e culturais da geração anterior, ou seja, sua relação com as experiências que ‘relemboram’ por meio das histórias, imagens e comportamentos no meio em que cresceram. Mas essas experiências lhes foram transmitidas de forma tão profunda e afetiva que parecem constituir suas próprias memórias. A conexão da pós-memória com o passado está, portanto, mediada não apenas pela rememoração, mas também por um investimento imaginativo,*

*criativo e projetivo. Crescer entre as memórias avassaladoras de outros, e ser dominado por narrativas anteriores ao nascimento ou à consciência, significa correr o risco de ter nossas histórias de vida deslocadas ou mesmo arrancadas por aquelas que vieram antes de nós. Significa estar moldado, também de forma indireta, por fragmentos traumáticos de acontecimentos cuja construção narrativa supõe um desafio, pois estão além de nossa compreensão. Os acontecimentos do passado têm seus efeitos sentidos no presente. É assim que vejo a estrutura da pós-memória e seu processo de construção. O ‘pós’ da ‘pós-memória’ aponta para muito mais do que um atraso temporal e um lugar depois de uma catástrofe. Não é simplesmente uma concessão à temporalidade linear ou à sequência lógica (Hirsch, 2021a, p. 13, tradução nossa)<sup>1</sup>.*

No entendimento da autora, a pós-memória não é um movimento, método ou ideia, mas sim uma estrutura inter e transgeracional do retorno do conhecimento traumático, uma consequência da recordação traumática com uma distância geracional, que pode ser extensiva a contemporâneos mais distantes, porém sempre possuindo relação com situações de trauma. Ao refletir sobre a possibilidade de que os filhos tenham recordações sobre o sofrimento de seus pais, a autora defende que os filhos evocam processos transferenciais cognitivos e afetivos, internalizando o passado mesmo sem que o tenha compreendido – são atos de transferência que permitem transformar a história em memória, e que também permitem que sujeitos e gerações compartilhem histórias:

*É verdade que não temos ‘memórias’ literais das experiências dos outros e que as memórias das experiências de outras pessoas não podem se tornar nossas memórias. A pós-memória não é idêntica à memória: é ‘pós’, mas, ao mesmo tempo, se assemelha à memória em sua força afetiva e em seus efeitos psíquicos (Hirsch, 2021a, p. 49, tradução nossa)<sup>2</sup>.*

Hirsch (2021a) retoma os estudos de Jan Assmann para distinguir dois tipos de recordação coletiva: a memória comunicativa e a memória cultural. A memória comunicativa seria biográfica e pertenceria à geração de adultos contemporâneos que foram testemunhas de um acontecimento e que transmitiram essa conexão pessoal para seus descendentes. Em uma sucessão normal entre gerações, essa memória individualizada seria transmitida por até três ou quatro gerações seguintes, o que compreenderia um período de oitenta a cem anos. Já Aleida Assmann (2021) estende essa distinção bimodal para quatro formatos de memória: individual, social, política e cultural, já que todas essas recordações estariam relacionadas. Ainda para Assmann, conforme destaca Hirsch (2021a,

1 “El término ‘posmemoria’ describe la relación de la ‘generación de después’ con el trauma personal, colectivo y cultural de la generación anterior, es decir, su relación con las experiencias que ‘recuerdan’ a través de los relatos, imágenes y comportamientos en medio de los que crecieron. Pero estas experiencias les fueron transmitidas tan profunda y afectivamente que parecen constituir sus propios recuerdos. La conexión de la posmemoria con el pasado está, por tanto, mediada no solamente por el recuerdo, sino por un investimento imaginativo, creativo, y de proyección. Haber crecido entre los recuerdos abrumadores de los demás, y estar dominado por narrativas previas al nacimiento de uno mismo o anteriores a la propia conciencia significa correr el riesgo de que las historias de nuestra vida se vean desplazadas o incluso despojadas por las de quienes nos preceden. Significa estar moldeado, también de forma indirecta, por fragmentos traumáticos de acontecimientos cuya reconstrucción narrativa supone un desafío, dado que escapan a nuestra comprensión. Los sucesos del pasado hacen sentir sus efectos en el presente. Así es como veo la estructura de la posmemoria y su proceso de construcción. El ‘pós’ de ‘posmemoria’ señala mucho más que un retraso temporal y que un lugar después de una catástrofe. No se trata simplemente de una concesión a la temporalidad lineal o a la secuencia lógica”.

2 “Es cierto que no poseemos ‘recuerdos’ literales de las experiencias de los demás, y que los recuerdos de las experiencias que ha vivido otra persona no pueden convertirse en nuestros recuerdos. La posmemoria no es idéntica a la memoria: es ‘pós’, pero, al mismo tiempo, se asemeja a la memoria en su fuerza afectiva y en sus efectos psíquicos”.

## LITERATURA

p. 51, tradução nossa), a família constitui um espaço privilegiado para a transmissão da memória:

*No esquema traçado pela estudiosa, a ‘memória social’ é baseada na transferência para a geração seguinte da experiência familiar individualizada, ou seja, é intergeracional. Em vez disso, a memória ‘política’ e ‘cultural’ não é intergeracional, mas transgeracional: não é mediada pela experiência individualizada, mas apenas por sistemas simbólicos<sup>3</sup>.*

Nas palavras de Hirsch, a tipologia estabelecida por Assmann esclarece como a pós-geração pode trabalhar para reparar as perdas oriundas da experiência traumática. Assim, argumenta que o trabalho da pós-memória consiste em propor reativar e individualizar novamente estruturas memoriais, políticas e culturais mais distantes, reinvestindo-as com formas de expressão estética e de mediação familiar enriquecedoras (Hirsch, 2021a). Dessa forma, percebe na noção de memória uma maior eficácia para a descrição da experiência pessoal:

*Ao contrário da história, a noção de memória consegue descrever de forma mais eficaz a presença da experiência pessoal e afetiva no processo de transmissão. A memória aponta para um vínculo afetivo com o passado – ou seja, a sensação de que existe uma ‘conexão viva’ material – e aponta que essa conexão é mediada por tecnologias como a literatura, a fotografia e o testemunho (Hirsch, 2021a, p. 52, tradução nossa)<sup>4</sup>.*

Em *Humanos exemplares*, a necessidade de disseminar a memória acompanha e atormenta a protagonista da narrativa, que tenta transmitir à filha toda a profundidade e afetividade de suas recordações. Assim, a menina, ao aceitar o compartilhamento das histórias que escuta da mãe e do pai, torna-se uma portadora de suas histórias, memórias e traumas:

*Dizíamos isso às meninas e lhes entregávamos uma corresponsabilidade tardia: ainda que elas não tivessem vivido o passado, e que não tivessem posto seu corpo à prova, ainda assim elas herdavam de nós, ali mesmo, as resistências que atravessam o lapso do tempo. Precisávamos de garantia de que nossas filhas e netas e bisnetas saberiam se lembrar de todos aqueles ocorridos, e também narrá-los, mesmo que depois elas fossem morar longe e jamais precisassem fugir ou se esconder em um subsolo. Elas ouviam e confirmavam o recebimento da herança, e por isso Vicente e eu já podíamos morrer tranquilos, se quiséssemos, ou então sair um pouco para encontrar divertimento na rua ou no cinema. Havíamos arranjado quem portasse nossa memória sem perdoar nenhuma vírgula, com conhecimento inclusivo do nome dos envolvidos, e tudo isso nos dava o direito de morrer com tranquilidade ou então de ir à praia (Leite, 2022, p. 161).*

De todos os desaparecimentos possíveis, o mais temido pela *velha era* o desaparecimento da memória. Ao descrever para a *filha* as experiências vividas

<sup>3</sup> “En el esquema trazido por la estudiosa, la ‘memoria social’ se basa en la transferencia a la generación siguiente de la experiencia familiar individualizada, es decir, es intergeneracional. En cambio, la memoria ‘política’ y ‘cultural’ no es intergeneracional sino transgeneracional: no se encuentra mediada por una experiencia individualizada, sino sólo por sistemas simbólicos”.

<sup>4</sup> “En contraposición a la historia, la noción de memoria logra describir de manera más eficaz la presencia de la experiencia personal y afectiva en el proceso de transmisión. La memoria apunta a un vínculo afectivo con el pasado – esto es, la sensación de que hay una ‘conexión viva’ material – y señala que dicha conexión se encuentra mediada por tecnologías como la literatura, la fotografía y el testimonio”.

durante o regime ditatorial brasileiro, a protagonista ressalta o temor que sentia com a possibilidade do apagamento dos fatos, e consequentemente da história e da memória. Refletindo sobre a finitude da vida, era necessário que alguém se guisse portando aquelas memórias em seu lugar:

*Servíamos um refrigerante para as duas e contávamos que alguns de nós havíamos morrido, assim como também haviam morrido estudantes, políticos, toda sorte de gente, e até a luta já havia morrido um pouco também, a seu modo. E de todas essas mortes, àquela altura a que mais nos preocupava era a morte dos fatos, dos acontecimentos concretos pertencentes à história. Temíamos que nós e nossas memórias fôssemos algo tido como incerto, duvidoso, registros em que não se podia confiar. Sabíamos que o perigo era de que, com a partida de nosso corpo, estivesse partindo também o cenário onde tudo se deu, os figurinos, as falas, a plateia, as testemunhas, todas as provas de que aquilo aconteceu de uma maneira específica e terrível* (Leite, 2022, p. 160-161).

Além de abordar de maneira poética um período traumático, *Humanos exemplares* proporciona a tematização da manutenção da memória herdada por meio da personagem *menina*, que representa a geração descendente e será a responsável pela manutenção da memória recebida. A geração descendente dos que viveram a ditadura militar recebeu como legado um verdadeiro patrimônio memorial, cabendo-lhe a tarefa de deixá-lo morrer ou sobreviver, com isso reafirmando e alongando o legado recebido, e assim elegendo quem nos elege.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ambientação do período da ditadura militar brasileira desenvolvida por Juliana Leite em *Humanos exemplares* contribui para reforçar o argumento de teóricos como Sarlo, Figueiredo e Ettore-Agrò, que veem na literatura uma potência que nenhum outro discurso é capaz de alcançar. Para além disso, o enredo do romance selecionado propicia um aprofundamento sobre a discussão das memórias e dos traumas herdados sobre o regime, que ocasionam a estrutura da pós-memória, dada a relevância que o tema das heranças e dos legados adquire no decorrer da trama. Considerando que a autora possui uma distância geracional com relação a quem viveu a ditadura militar, que legou ao povo brasileiro uma série de traumas, argumento que a estrutura de pós-memória abordada por Hirsch se ajusta à situação da autora Juliana Leite, que desenvolveu a memória sobre o período mediada pela memória dos outros, daqueles que a antecederam. Já no enredo de *Humanos exemplares*, a personagem *menina* é uma criança à época da ditadura, e por isso a herança do sofrimento dos pais pode também ser lida partindo da estrutura da pós-memória.

Partindo da estrutura de pós-memória, em que a memória da geração posterior se constitui em relação com os traumas pessoais, coletivos e culturais da geração anterior, a autora reflete sobre o passado propondo uma outra história para o tempo presente, marcado pelo direito à lembrança, à palavra e à escrita da história e da literatura. Dessa forma, ao tematizar o compartilhamento de histórias e memórias da ditadura militar brasileira entre as gerações, a autora Juliana Leite mantém a herança que recebeu viva e eternizada por meio do gesto de resistência que é o ato da escrita.

**THE ROMANTIC DICTATORSHIP: A READING OF *HUMANOS EXEMPLARES*, BY JULIANA LEITE**

**Abstract:** This article analyzes the novel *Humanos exemplares* published by Juliana Leite in 2022, starting from the post-memory structure to observe the construction of the historical period of the Brazilian military dictatorship in the present time through the questioning of the legacies and inheritances that are transmitted between the different generations, both individually and historically and socially. It is observed that the literary text in question provides the sharing of stories and memories of the Brazilian military dictatorship between generations, thus keeping the received heritage alive and eternalized through the gesture of resistance that is the act of writing.

**Keywords:** Contemporary Brazilian literature. Military dictatorship. Postmemory. Downward generation. Resistance.

**REFERÊNCIAS**

- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. 3. reimp. Campinas: Editora Unicamp, 2021.
- BERNARDO, F. A ética da hospitalidade ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania. *Revista Filosófica de Coimbra*, v. 1, n. 22, p. 421-446, 2002.
- FIGUEIREDO, E. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. 1. reimp. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- FINAZZI-AGRÒ, E. (Des)memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 43, p. 179-190, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/BwcgSyDphKnQ9XgbhxjJ84v/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- GAGNEBIN, J. M. *Limiar, aura, rememoração*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- HIRSCH, M. *La generación de la posmemoria: escritura y cultura visual después del Holocausto*. Traducción Pilar Cáceres. 2. ed. Madrid: Editorial Carpe Noctem, 2021a. Edição do Kindle.
- HIRSCH, M. *Marcos familiares, fotografía, narrativa y posmemoria*. Traducción Irene Depetris Chauvin. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021b. Edição do Kindle.
- LEITE, J. *Humanos exemplares*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- PELLEGRINI, T. Relíquias da casa velha: literatura e ditadura militar, 50 anos depois. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 43, p. 151-178, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/QkpSfH5Zn-93LKVFPGSz6zGG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: UFMG, 2007.